

(\*) Herliene Cardosos Bruno é Assistente Social, pesquisadora do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq *Gênero, Família e Geração nas Políticas Sociais*, discente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: herlienecardoso@yahoo.com.br.

# Herliene Cardoso Bruno\*

## As tramas das relações de gênero na velhice:

**persistências e rupturas da desigualdade sexual\*\***

**RESUMO:** Este artigo busca analisar como as relações de gênero entrecruzam o relacionamento estabelecido entre os residentes do Lar Torres de Melo, instituição para longa permanência de pessoa idosa, em Fortaleza – Ceará. Compõe-se de três seções e busca perceber de que forma os conceitos de “mulher” e “homem” interferem nas relações estabelecidas entre os residentes; como acontece a definição de papéis entre os mesmos e, finalmente, se há alguma diferença entre os motivos estabelecidos pelas mulheres e pelos homens na escolha de um parceiro.

**Palavras-chave:**  
Velhice; gênero;  
instituição.

### A título de introdução

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), algumas projeções sugerem que no ano de 2025 o Brasil terá cerca de 34 milhões de habitantes com mais de 60 anos de idade, o que colocará o País no sexto lugar do *ranking* mundial em número de idosos. Isso porque os idosos que representavam 3,2% da população geral brasileira de 1900 e 4,7% em 1960 poderão atingir 13,8% ainda em 2020.

Conforme o referido instituto, o Brasil passou a possuir em 2000 uma população de 14.536.029 milhões de idosos, o que representa 8,6% da população total residente no País, que é de 169.799.170 habitantes. Ao todo, a população

\*\* O presente artigo é resultado da pesquisa empreendida para conclusão do curso de Serviço Social sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena de Paula Frota, cujo trabalho intitulou-se: *As relações de gênero na velhice – Estudo realizado no Lar Torres de Melo, em Fortaleza-CE.*

idosa passou a somar 6.533.784 homens, representando 45% da população total e 8.002.245 mulheres, perfazendo 55% do número de idosos brasileiros.

Em todo o território nacional brasileiro e em muitos outros lugares do mundo, o número de mulheres idosas é superior ao número de homens idosos, assim, considera Mattos (2000): *esses índices destacam não só uma superioridade numérica de mulheres na velhice, como nos faz refletir sobre as necessidades de descrever para conhecer e contemplar esse maior segmento da população idosa nacional* (p. 200).

De acordo com dados do World Health Organization (2005), as mulheres vivem mais do que os homens em quase todos os lugares, conforme referência anterior. Na Europa, por exemplo, em 2002, havia 678 homens para cada 1.000 mulheres com 60 anos ou mais. Em regiões menos desenvolvidas, havia 879 homens para cada 1.000 mulheres. No Brasil e África do Sul, as mulheres correspondem aproximadamente a dois terços da população acima de 75 anos.

Embora as mulheres tenham a vantagem da longevidade, elas são vítimas mais frequentes da violência doméstica e de discriminação no acesso à educação, salário, alimentação, trabalho significativo, assistência à saúde, heranças, medidas de seguro social e poder político.

O Estatuto Nacional do Idoso, dispositivo legal promulgado em 1º de outubro de 2003, fruto, dentre outras questões, da percepção das proporções que podem emergir com o envelhecimento crescente da população brasileira dispõe, no artigo 4º que, *nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.*

Como então, falar em efetivação de direitos, cidadania, liberdade e dignidade se, de fato, as relações estabelecidas entre os idosos não estiverem pautadas na equidade social dos sexos? Como garantir que nenhuma idosa seja vítima de discriminação e violência se a mulher permanecer numa posição social de inferioridade em relação ao homem? Surge, portanto, a necessidade de se discutir as relações de gênero entre a população idosa.

Realizar um estudo de gênero não é tão somente pensar o lugar ocupado pelas mulheres, mas pensar as relações que são estabelecidas cotidianamente entre ambos os sexos nas suas complexas determinações sociais. Desta forma, para a realização desta pesquisa foi preciso perceber como vivem os idosos residentes na Instituição, enfim, como eles se relacionam entre si no espaço institucional em que residem, incluindo as tramas das relações de gênero tecidas por estes sujeitos.

Daí as indagações que motivaram este estudo: como são estabelecidas as relações entre os residentes do Lar Torres de Melo? Como o ser “mulher” e o ser “homem” em seu imaginário interferem nas relações estabelecidas entre os residentes? Existem ou não diferenças na definição das tarefas ditas femininas e masculinas para eles? O que motiva esses residentes a se relacionarem? A velhice proporciona certo nível de independência da mulher em relação ao homem ou há continuidade da desigualdade sexual?

Vale ressaltar, ainda, que o presente estudo se constituiu em pesquisa de caráter qualitativa, tendo utilizado como principais instrumentos de coleta de dados entrevista do tipo semi-estruturada (desenvolvidas no período de 18 de outubro a 03 de dezembro de 2005) e observação direta. Participaram ativamente da investigação, quatro casais, assim denominados: *João e Maria*, *Adão e Eva*<sup>1</sup>, *Lampião e Maria Bonita* e *Romeu e Julieta*. É pertinente destacar, ainda, que os mesmos foram entrevistados separadamente, aspecto que permitiu maior abertura no momento da realização das entrevistas.

O objetivo desse artigo é, portanto, analisar como as relações de gênero entrecruzam o relacionamento estabelecido entre os residentes no Lar Torres de Melo, maior instituição de atendimento ao idoso em regime de internato e convivência em Fortaleza – CE a partir de sete aspectos centrais: o conceito de velhice, a condição de institucionalização, a sexualidade, a vivência de um relacionamento a dois em espaço coletivo, a definição de ser “mulher” e “homem”, a divisão sexual de papéis e as novas configurações das relações entre os sexos na atualidade.

## **Análise conceitual empírica: quando velhice e gênero se entrecruzam**

### **A velhice na percepção deles**

O envelhecimento é próprio de todo ser vivo, independentemente de sua classe, etnia e sexo; no entanto, Beauvoir (1990) nos diz que *quando adultos, não pensamos na idade: parece-nos que essa noção não se aplica a nós* (p. 347).

É também o que nos ensina Motta (1998), dizendo que *a velhice vem como um choque, porque chega primeiro pelos olhos dos outros* (p. 228). Assim, ainda que envelhecer seja algo inevitável, vive-se como se fosse possível permanecer eternamente jovem, certamente porque a velhice nos assusta e dela não ousamos, às vezes, sequer falar.

<sup>1</sup> Destaca-se que a Sra. Eva desistiu de participar da pesquisa, embora tenha manifestado interesse preliminarmente à realização das entrevistas. Contudo, aspectos “não ditos” foram imprescindíveis para a análise dos dados.

Conforme Peixoto (2004), a velhice é comum a todos, ainda que alguns envelheçam mais rápido do que outros e que nem todos vivenciem este momento da mesma forma.

Contudo, para Bacelar (2002), é patente a fuga que há em relação ao envelhecimento: *Em nossa cultura, é vergonhoso ser velho. Usa-se de todo artifício para esconder a idade (...)* (p. 27).

Assim, ainda que de forma geral os entrevistados tenham demonstrado perceber seu envelhecimento de forma positiva, há depoimentos que revelam certa negação e pessimismo em relação a esta etapa da vida:

*Não tem ninguém velho, tem “usado”, eu acho que não tem ninguém velho não. Eu pelo menos não me sinto velho, me sinto uma pessoa de idade... Não sou mais aquela pessoa nova, eu me ponho no meu lugar, que eu sou uma pessoa de idade. Não sou velho.* (Depoimento concedido por Romeu, 72 anos).

*Velhice para mim? Eu acho uma coisa assim: que não tem mais futuro porque a pessoa em crescimento tá evoluindo, mas quando ela chega na terceira idade a “evolução” é diminuir, não acho nada de vida para ninguém não. Tem gente que diz: oh, quero durar 100 anos! Eu não quero, Deus me livre! [Lágrimas disfarçadas]* (Depoimento concedido por Adão, 72 anos).

Tal negação se evidencia, também, na observação da mesma autora: *O sentido do fim, da morte, desperta uma resistência expressa no silêncio. Não se falando, não existe. O homem vive imerso numa vivência de juventude que se deseja eterna* (BACELAR, 2002, p. 27).

Falar de velhice é, porém, necessariamente, falar de velhices, pois o processo de envelhecimento é vivenciado de maneira distinta por cada indivíduo. Assim, enquanto alguns percebem a velhice como uma etapa de sofrimento e dor, por outros ela é apreendida como uma fase de alegria e gozo, como revelam algumas falas:

*Eu acho que a velhice é uma coisa que significa que a gente já viveu muito, não é? Já tem muitas experiências na vida, que por meio disso a gente pode passar para aqueles mais novos, que tão começando a viver, pois a vida*

*que nós temos precisa muito de saber viver. Para mim a velhice é uma coisa boa... eu não tenho do que reclamar da velhice* (Depoimento concedido por Maria, 74 anos).

Da mesma forma, especialmente as mulheres apreendem a velhice como uma etapa da vida que proporciona a vivência de novas possibilidades:

*Hoje eu beijo onde estiver. O primeiro beijo é oito horas da manhã, não tem esse negócio: ai, lá está a doutora! Não, o beijo é o mesmo. Aí eu amo meu velho pronto e acabou-se! Agora muita gente fica com crítica. Eu me sinto muito mais livre hoje e, principalmente, aqui, que me dão todo o apoio, me dão toda liberdade para o que eu quiser* (Depoimento concedido por Maria Bonita, 76 anos).

Em relação a esse sentimento de liberdade por parte das mulheres idosas, Debert reforça: *Para as mulheres, o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras* (2004, p.184).

A sociedade estabeleceu, ao longo de séculos, diversos esteriótipos em torno da velhice, já se observando uma luta incansável no sentido de desconstituí-los. Contudo, ainda há muito a ser feito, pois existe uma estrutura social que incide num lado oposto, conforme explica Beauvoir: *queremos que os velhos se conformem à imagem que a sociedade faz deles. Impomos-lhes regras com relação ao vestuário, uma decência de maneiras, e um respeito às aparências* (1990, p. 268).

Conseqüentemente, como Motta também nos adverte, *não há que estranhar então a recorrência generalizada de mecanismos de resistência ao envelhecimento. E que eles sejam desenvolvidos principalmente pelas mulheres, a quem tradicionalmente, foram cobradas juventude e beleza, contenção e disciplina* (1998, p. 229).

Como a própria autora considera, há uma especificidade de gênero na situação da velhice:

*Sendo as mulheres as “donas” do trabalho doméstico, por aí começa a sua auto-afirmação, ou resistência, continuando a realizá-lo ou o fazendo até mais intensamente quando idosas, enquanto os homens, nesse âmbito, ficam mais dependentes. Realizando-o, as mulheres sentem-se saudáveis, vigorosas* (MOTTA, 1998, p. 229-230).

Também a esse respeito, Debert acrescenta que a velhice é um momento diferenciado para as mulheres: (...) *momento em que a reprodução e o cuidado dos filhos pequenos não são mais a marca definidora do feminino* (2004, p. 25).

Citando Fraiman (1991),

*(...) idade e gênero aparecem como dimensões privilegiadas para dar conta das mudanças na sociedade brasileira contemporânea. Gênero, mesmo constituindo-se em uma questão tão polêmica, é uma noção claramente explicitada nos projetos e de tal forma incorporada no debate acadêmico que qualquer pesquisa, mesmo quando seu universo é claramente definido, será criticada se não levar em conta as diferenças entre a experiência feminina e a masculina, nas mais diversas manifestações analisadas* (p. 17).

Fraiman também reconhece a diferenciação de lugares ocupados por mulheres e homens idosos e destaca a condição das mulheres na velhice. Considera a autora:

*Dentro da Terceira Idade, pois, dois subgrupos reclamam por cuidados e atenção: os dos jovens-velhos (ou pré-velhos) que vivem o tal impasse, e o dos velhos-velhos, que por razões especialmente biológicas não podem mais cumprir com o seu papel de membro produtivo da sociedade. Quanto ao primeiro subgrupo, mais aguda ainda é a situação das mulheres em geral, que por força da sua maternidade e desamparo social, se alienam do desempenho de vários outros papéis, intelectuais, profissionais, econômicos, políticos e sociais, centrando-se em uma tarefa monótona, a dos cuidados com a casa e em uma tarefa temporária, a dos cuidados com os filhos, e se descentrando de si mesmas, com isso promovendo a sua condição posterior de insatisfação e alienação pelo desconhecimento de si e de suas capacidades* (1991, p. 17).

Como argumenta Motta: *Os dois sexos podem ter experiências que sejam, ou aparentem ser, comuns, mas a condição geracional enseja também relações e representações distintas* (1998, p. 232).

### **A institucionalização: “Aqui é uma maravilha!”**

Como exprime Alcântara (2004), em seu livro *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*, o cuidado à população idosa tem origem no Cristianismo:

*De acordo com dados históricos, as primeiras instituições filantrópicas voltadas a abrigar essa população surgiram no Império Bizantino, no século V da era cristã. Há registro de que o primeiro asilo foi fundado pelo Papa Pelágio II (520-590), que transformou a sua casa em hospital para velhos (p.31).*

No Brasil, ainda segundo a mesma autora, as instituições existentes no século XX visavam a atender a velhice desamparada, que se configurava como uma população pobre e sem vínculos familiares: *O rótulo velhice institucionalizada encobria, então, várias categorias – moribundos, indigentes, pobres, inválidos, abandonados, solitários, doentes, alcoólatras e outros desvalidos* (ALCÂNTARA, 2004, p. 32).

Segundo Debert (2004), a entrada no asilo pode significar três conjuntos de valores: *manter a independência funcional, ameaçada ante as deficiências físicas próprias da idade; não ser um estorvo para os filhos; e participar de uma vida social ativa* (p.112).

Levando em consideração tais aspectos, a pesquisa identificou o fato de que, em geral, os idosos relataram gostar de residir na Instituição, contrapondo o imaginário social que concebe o asilo como um ambiente hostil, frio e sem vida. É possível encontrar nas falas outros elementos, ainda que identifiquemos alguns pontos negativos, tal como a dificuldade de relacionamento entre os residentes:

*Ave Maria, aqui é uma maravilha! Para mim é um céu... Eu gosto muito daqui, tanto que eu vim para passar um mês, pensava eu que passava um mês, mas já está com três anos completos. E eu não tenho vontade de sair daqui não... E a gente deve estar onde está se sentindo bem, não é? Até hoje eu não achei do que reclamar de nada, todo mundo é muito bom para a gente... tem muita visita que dá atenção a gente, fica tendo aquela amizade com aquele pessoal, não é? Ave Maria, aqui é muito bom!*  
(Depoimento concedido por Maria, 74 anos).

A pesquisa suscita, com efeito, uma reflexão em torno da desconstrução da família como o lugar ideal, o que fica bastante evidente no relato de uma entrevistada:

*Todo mundo pergunta: por que a senhora não está em casa com a sua família? Porque não quero! Da primeira vez que eu vim para cá eu gostei e não quis voltar mais*

*para casa. Eu quero viver é aqui, porque aqui é onde eu tenho tudo: tenho o que vestir, tenho o que calçar, tenho o que comer; tenho presente, tenho festa, viu? E já tenho boas amizades...* (Depoimento concedido por Maria Bonita, 76 anos).

Dessa forma, como analisa Debert (2004), o fato de residir com a família não garante, necessariamente, ao idoso uma velhice bem-sucedida. Algumas vezes a família constitui âmbito de dor e sofrimento:

*(...) o fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia da presença do respeito e prestígio nem da ausência de maus-tratos. As denúncias de violência física contra idosos aparecem nos casos em que diferentes gerações convivem na mesma unidade doméstica. Assim sendo, a persistência de unidades domésticas plurigeracionais não pode ser necessariamente vista como garantia de uma velhice bem-sucedida (...)* (p. 83).

Ainda que tenham relatado gostarem de residir na Instituição, paradoxalmente, alguns dos entrevistados apresentaram o plano de ir embora, ao qual se atribui a necessidade de possuir um espaço próprio e de vivenciar um relacionamento a dois de forma mais íntima:

*Eu acho que eu com ele quanto for mais ligeiro para ir para dentro de uma casa seria melhor. Porque eu acho meu velho tão assim... Eu digo: olha, não fique triste não, porque você é assim porque você não tem uma mulher de responsabilidade. Eu acho que comigo ele vai viver muito bem. Vai ter uma esposa, uma mulher... Vou casar e morar na minha casa. Mas só que ele não quer sair daqui. Já pensou!* (Depoimento concedido por Maria Bonita, 76 anos).

Mesmo que reconheçam algumas interferências por parte de outros residentes quanto ao relacionamento que vivenciam, os entrevistados demonstraram não dar muita importância aos olhares externos. Isso porque o fato de manterem um relacionamento traz muito mais vantagens: ter alguém para conversar, compartilhar do dia-a-dia, das dificuldades, dos problemas de saúde, dos sentimentos, dos prazeres, da vida... As mulheres sentem mais resistências do que os homens, evidenciando que o ambiente institucional reflete as relações sociais experimentadas pela sociedade de forma geral:



*Não, o que falavam era que eu tinha... como foi meu Deus que disseram? Disseram que eu não era para namorar com aquele velho não que ele era muito velho. Mas eu também não sou nova!? Deu certo, velho com velho. [risos] (Depoimento concedido por Julieta, 60 anos).*

*Muitas pessoas falam que ele é mais novo do que eu. Eu não gosto. Eu digo a ele: podendo você arranjar uma pessoa mais nova que eu... Ele diz: não, eu quero é você! [Brilho intenso no olhar] (Depoimento concedido por Maria Bonita, 76 anos).*

Portanto, como argumenta Debert (2004), o asilo não pode ser entendido como representação do fim de uma carreira, mas antes sua continuação em um novo espaço social (p.119).

## **O tempo passa e o desejo continua: amor e sexo na velhice**

Bacelar (2002) nos revela que a sexualidade é a situação mais problemática presente no idoso, uma vez que há uma postura tradicionalmente aceita de que a velhice é uma situação de desvalia, de espera da morte. Nesse sentido, a sociedade jamais espera ouvir relatos como estes:

*É porque eu gostei dele, eu gostei... a gente começou a trocar uns olhares, até que deu certo a gente conversar. Aí eu vi que parecia que ele era uma pessoa que serve para a gente continuar a amizade com ele, aí a gente continua tudo bem. Graças a Deus não tenho o que dizer... não tenho o que reclamar dele não. A gente parece que se gosta muito, tanto eu como ele, não é? Aí meus filhos também, aliás, meus irmãos, minha família gosta muito dele. Eu estou muito satisfeita (Depoimento concedido por Maria, 74 anos).*

*Rapaz, eu não sei nem dizer se tem um motivo, as “presença” dela me agradou demais. Agradou e agrada (Depoimento concedido por João, 83 anos).*

Assim, ainda que a troca de favores perpassasse as relações afetivas entre os residentes, os motivos pelos quais relataram o fato de estarem mantendo um relacionamento na Instituição vão muito além das trocas que podem advir a

partir dessa relação para ambas as partes, pois os motivos ultrapassam condições objetivas, alcançando a esfera dos sentimentos, das emoções, ao contrário do que costumam supor, desmistificando, portanto, a idéia da velhice como uma fase assexuada, destituída de prazeres e paixão.

Os idosos confirmam, assim, o pensamento de Sila, em seu livro escrito por Daniel Lins - *Sila, uma cangaceira no divã*, ao dizer:

*A paixão não é o passado, é o presente, é o grito no corpo agora: eu quero, eu quero, quero o impossível. (...) Não tenho direito: na minha idade?! Será que a paixão tem idade? Parece que a velhice é sinal de doença, de morte do desejo. Se isso for verdade, então eu sou uma adolescente, como minhas netas e meus netos queridos... (SOUSA; LINS, 2005, p. 27).*

Em geral, os entrevistados relataram que não esperavam manter algum relacionamento afetivo com outro residente ao chegar à Instituição, à exceção de um entrevistado:

*Esperava. Diziam assim: lá é bom, lá tem muita idosa, o senhor pode gostar de uma, se casar com uma e tal e tal. Como de fato no primeiro dia que vim aqui encontrei e se Deus quiser eu acho que vou viver minha vida com ela... Foi amor à primeira vista. E outras queriam, mas... (Depoimento concedido por João, 83 anos).*

O relato deixa claro que o amor não tem idade, como também nos aponta Sila: *Não tem idade para a paixão. Quem disse que os velhos não se apaixonam? Quem disse que não existe “amor à primeira vista” para os idosos? Quem disse que o idoso não tem desejo?* (SOUSA; LINS, 2005, p. 18).

Para Sila, *se apaixonar, assim, aos 80 anos incompletos, deveria levar muitos cientistas a repensarem suas teorias acerca da sexualidade e do corpo do idoso...* (SOUSA; LINS, 2005, p. 103).

Nos termos de Bacelar (2002), a sexualidade e o envelhecimento estão em íntima relação e se conhecem muitos preconceitos e falsas concepções sobre a atividade sexual na velhice. Também no meio científico a sexualidade é um tema recente:

*Durante muito tempo, esse assunto foi proibido não apenas no convívio das pessoas como na pesquisa científica. Somente na década de 40, o Relatório Kinsey nos conduziu a uma pesquisa aberta sobre a sexualidade; a partir daí ruíram muitos tabus sobre o assunto (p. 59).*

Nesse sentido, pesquisas que versem sobre essa temática são profundamente importantes para a superação de tantos preconceitos e mitos que envolvem a sexualidade na velhice.

## **A vida a dois em um espaço coletivo**

Em sua obra *Gênero, família e representação social da velhice*, Leite (2004) salienta que (...) *é a família o espaço de intimidade, no qual as relações afetivas se dão com maior descontração* (p. 67)<sup>2</sup>. Como, então, pensar a vivência de um relacionamento a dois em um espaço coletivo?

É interessante destacar o fato de que, embora os entrevistados mantenham um relacionamento afetivo em um espaço institucional, e, portanto, coletivo, as vantagens dessa condição se sobressaíram em comparação às desvantagens.

As vantagens se centraram na oportunidade que vivenciam de dividir a vida com o parceiro. Conquanto, de forma não explícita, os idosos demonstraram certa desvantagem em relação à impossibilidade do ato sexual dentro do ambiente institucional, uma vez que, à exceção do entrevistado casado, todos residem em quartos separados:

*A vantagem é que a gente conversa um com outro, porque “outras coisas” não pode ter, porque não têm condições. Aqui dentro nós somos namorado e namorada, um casal de namorados, mas lá fora é mulher e marido, eu digo para você porque você sabe... lá fora é marido e mulher... aqui é namorado. Ninguém vai desrespeitar, tem gente que desrespeita aqui dentro que eu sei, já ouvi falar e já vi, mas eu não vou fazer isso, nunca! Toda vida gostei de respeitar os outros (Depoimento concedido por João, 83 anos).*

A pesquisa surpreendeu, ao revelar que os idosos não demonstraram tantas interferências por parte de outros residentes quanto ao relacionamento que vivenciam no interior da Instituição.

<sup>2</sup>É importante destacar, que Osterne (2001), compreende família como uma unidade de referência. Assim, a instituição asilar pode ser o cenário de vivência das relações familiares para muitos idosos.

## Ser “mulher” e “homem”: existem diferenças?

As falas captadas revelam que a divisão sexual de papéis por eles expressa está intimamente relacionada à definição de “mulher” e “homem”, que permeia seu imaginário.

O conceito de “mulher” estava associado à função reprodutora, materna, o cuidado com os filhos, da casa, como se percebe nesses discursos:

*Ser mulher? É ser dona da casa, fazer tudo que precisa em casa, cuidar da família direitinho, respeitar o marido, não viver trocando palavra... (Depoimento concedido por João, 83 anos).*

*A mulher sofre em todos os sentidos... Enquanto ela está na casa dos pais é uma coisa, mas quando ela se casa e muda de vida aquilo já é diferente... Quando a gente tem a sorte de encontrar um marido bom tudo bem, e quando acontece de encontrar um ruim vai sofrer, vão logo aparecer os filhos, que é um sofrimento grande a pessoa carregar uma criança nove meses e no dia... Aí para criar é que o sofrimento é dobrado, mas se ela tem um esposo bom ela deve ter uma vida boa, mas nem todas têm essa sorte, não é? (Depoimento concedido por Maria, 74 anos).*

Já o conceito de “homem” aparece associado à função provedora, do homem como “pai de família” que trabalha fora de casa para sustentar a mulher e os filhos:

*A pessoa pra ser homem precisa de muitas coisas. Primeiramente precisa cumprir com as obrigações dele. A obrigação de um homem enquanto ele é solteiro é dar conta do “recado”, ser respeitador, não viver insultando com um e com outro, respeitar o pai e a mãe, isso tudo é responsabilidade que ele deve ter... E depois, casar e tomar conta da mulher. Sabe por quê? Porque ele tirou ela lá da casa do pai dela para botar dentro de uma casa para ele... Cumprir com os negócios direito, sem sujeira, tratar os outros bem, ter a responsabilidade da casa, por tudo da casa, por exemplo: eu casei e vou morar mais uma mulher, aí ela precisa de muitas coisas... (Depoimento concedido por João, 83 anos).*

*Tem gente que diz: eu não quero ser mulher, mais antes que eu fosse um macho! Não sei por que querem ser homem? Para mim que a vida de homem é pior que a de mulher. Eu acho. Trabalham mais. (...) Eu quero dizer que os homens sofrem mais: para “botar” em casa, sustentar aquela família em casa, e a mulher fica ali só esperando...*  
(Depoimento concedido por Julieta, 60 anos).

É importante destacar a idéia de que essa diferenciação das atividades masculinas e femininas aparece nos relatos dos entrevistados, e que ela, de acordo com Leite (2004), *é resultado da própria diferenciação da divisão sexual do trabalho, que dá ao homem um mundo diferente do mundo da mulher* (p.122).

## **A divisão sexual de papéis**

Por muitos séculos, gênero foi empregado num sentido figurado em termos gramaticais para identificar os traços de caráter e sexuais das pessoas, *mais recentemente (...) as feministas começaram a utilizar a palavra gênero mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos* (SCOTT, 1990, p. 5).

Nesse sentido, Frota (2004) considera que a dimensão da palavra gênero foi dada pelas feministas americanas que insistiam em interpretar o caráter eminentemente social das distinções fundadas sobre o sexo, *rejeitando, portanto, o determinismo biológico implícito no uso das expressões sexo e diferença sexual, enfatizando, portanto, o aspecto relacional das definições normativas da feminidade* (p.14).

Segundo Puleo (1999), podemos diferenciar distintos componentes do gênero: papéis, identidade sexuada, *status*, normas, esteriótipos e sanções. O rol ou papel, no entanto, é visto como componente fundamental e, dessa forma, fator-chave de manutenção e troca no conjunto do sistema. Assim, embora a divisão de papéis não seja sempre a mesma, há uma tendência geral a que certas tarefas sejam próprias das mulheres, em particular aquelas relacionadas com a criação dos filhos, o cuidado do lar e a reprodução da vida.

A desigualdade entre os sexos, contudo, emerge a partir dessa diferenciação das tarefas femininas e masculinas, isso porque, como argumenta a própria autora, há uma valorização do trabalho produtivo e uma desvalorização do trabalho reprodutivo, que, como já expresso, é realizado principalmente por mulheres:

*No âmbito doméstico se realiza o trabalho reprodutivo (reprodução, tarefas domésticas e outras próprias dessa esfera), no âmbito público tem lugar o trabalho assalariado e outras tarefas próprias do âmbito, como política, cultura, etc. Porém, não há simetria de poder e de reconhecimento entre ambas esferas. O caráter de assalariado constitui uma vantagem muito importante do âmbito público já que nas sociedades industriais somente é reconhecido como “trabalho” o que é remunerado. O trabalho remunerado proporciona autonomia, permite a uma pessoa ter uma margem maior de autoridade e independência. E mais, as atividades do mundo público são mais prestigiosas (PULEO, 1999, p. 30, tradução própria do espanhol para o português).*

Também a esse respeito, em seu livro *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*, Jablonski define o que historicamente se atribuiu a mulheres e homens:

*Historicamente, (...) às mulheres coube primordialmente o exercício de tarefas nas casas ou próximas a elas, em função das demandas criadas pela gravidez (frequente) e alimentação e cuidados dos bebês. Somou-se a isso, como decorrência, a educação das crianças e a atenção dos idosos e doentes, e num plano menos concreto a conservação de valores afetivos, familiares e tudo mais ligado ao relacionamento privado, incluindo, é claro, sua transmissão geracional. Em contrapartida, os homens, dada sua força física (...) empenhavam-se em tarefas que pediam movimentação mais livre, até por grandes distâncias, maior esforço físico, exposição mais direta ao perigo e (por decorrência?) ao desenvolvimento das instituições formais, da vida pública e dos valores que a norteiam (1998, p.144).*

Nesse aspecto, é importante considerar que a pesquisa demonstrou uma permanência dessa diferenciação de papéis na velhice e, mais ainda, em um espaço coletivo, onde mulheres e homens, embora mantenham um relacionamento afetivo, em sua maioria, não residem juntos.

Ao serem indagados sobre o que costumavam fazer para seu parceiro, as respostas das mulheres centraram-se em atividades tipicamente domésticas, restritas à esfera reprodutiva:

*Lavo e engomo. Quando ele sai chega o povo pergunta: quem foi que lavou essa roupa branca? Foi minha velha! [gargalhadas]. Acho engraçado... adoro meu velho, adoro. Eu digo assim: lá vem meu gatão, olha meu gatão aí. As pessoas acham graça. Te “aqueta”! Me “aqueto” não que ele é o meu gatão mesmo. Será que ele te quer? Ele não quer é vocês, mas a mim ele quer [gargalhadas] (Depoimento concedido por Maria Bonita, 76 anos).*

*Ela é muito mulher pra mim, graças a Deus, ela que toma conta das minhas roupas, coisa de cama, tudo é ela quem toma de conta... Quando eu cheguei aqui quem lavava minhas roupas era uma funcionária, eu pagava a ela por mês, como agora que ela teve doente, ficou internada durante quatro dias e essa funcionária passou a lavar (Depoimento concedido por João, 83 anos).*

Por sua vez, os homens exercem tarefas mais relacionadas à esfera produtiva, ao mundo público:

*Eu faço... só o que eu tenho para ela por enquanto é o amor, a amizade, a paixão que eu tenho por ela, e às vezes eu vou comprar uma tapioca para ela, fazer um “mandado”... (Depoimento concedido por João, 83 anos).*

*Compra no mercado (Depoimento concedido por Adão, 72 anos).*

*Para mim? Tudo quanto ele ver na rua ele compra pra mim... eu gosto muito das novidades que ele traz. Toda vez que ele vai para rua, mesmo com o pouco dinheiro que ele tiver; ele traz o que for para mim. Se ele for ao mercado você pensa que ele compra só as coisas para ele?! Compra não, ele compra para mim e para ele. A geladeira é completa de toda “qualidade” de fruta. Ele diz assim: eu compro por causa de você, eu compro para você, filha! Aí eu vejo que ele gosta de mim, então eu trato meu velho bem (Depoimento concedido por Maria Bonita, 76 anos).*

Na óptica de Leite (2004), a mulher está intimamente ligada à função reprodutora, assim como Bernardo Jablonski, a autora identifica uma clara divisão sexual do trabalho:

*As concepções de caráter genérico, em nossa sociedade, atribuem significados à mulher de modo a entendê-la a partir da função reprodutora. Em outras palavras, a potencialidade de gerar filhos está associada a uma série de valores. Valores esses, que são justificados como próprios à sua natureza de mulher (p. 45).*

A autora reforça a idéia de que essa divisão é fruto de uma construção social, ou seja, os papéis sexuais não são oriundos da “natureza” de mulheres e homens, mas de um aprendizado que se inicia desde a infância:

*Dentro das questões que envolvem a divisão sexual do trabalho, verifica-se que universalmente na família os serviços caseiros geralmente recaem sobre os membros do sexo feminino. Dessa maneira, desde cedo a menina aprende a cozinhar, lavar, passar roupas e outras atividades para a manutenção do mundo da casa (LEITE, 2004, p. 163).*

Em suas palavras, *ao contrário da mulher, o homem idoso traz consigo experiências do mundo público mais amplo onde sua atenção foi retirada das questões familiares, seu tempo mais vivido fora da unidade doméstica (p.123).*

Já a mulher, sendo a detentora do saber historicamente construído pela prática de cuidar dos filhos e da casa, *quando ela fica idosa é nesse espaço que ela se mantém como ator político, controlando e dirigindo a manutenção e direção da casa (p.126).*

Dessa forma, ainda que as entrevistadas residam num espaço público, elas mantêm hábitos trazidos de suas experiências anteriores num espaço não coletivo.

Portanto, a pesquisa identificou o fato de que à mulher estão associadas atividades próprias da esfera doméstica: os cuidados com a casa e com o marido/companheiro. Ao homem, cabe sair da instituição para fazer compras ou mesmo resolver algum problema, isto é, percebe-se um retorno às tarefas próprias da esfera pública, evidenciando, com efeito, nítida divisão sexual de papéis entre os idosos entrevistados.

## **Novas configurações das relações entre mulheres e homens na atualidade**

Apesar da persistência da divisão sexual de papéis identificada entre eles, os entrevistados não deixaram de reconhecer algumas mudanças no relacionamento entre mulheres e homens, apontando, inclusive, para as conquistas femininas em relação à liberdade sexual, sobretudo por parte das idosas:



*É diferente. Em outro tempo para a pessoa namorar aquilo era uma coisa doida e hoje em dia é diferente. Eu ainda me lembro... a moça para namorar com um rapaz, o pai ficava “sacudindo” aquelas pedrinhas, conversava lá muito longe e hoje em dia é os “agarrado medonho” do mundo. Mas eu tenho para mim que esse namoro de agora é que é melhor. Antigamente a pessoa namorava com um rapaz, às vezes casava sem nem conhecer aquela pessoa e hoje em dia não, a pessoa pode escolher bastante e saber com quem se apegava, porque ninguém sabe do coração dos outros, mas pelo espelho a gente vê. Eu tiro por mim... eu me apeguei com um rapaz muito nova, 16 anos, ele já era idoso, e o que eu sofri nas mãos dele? Eu sofri muito (Depoimento concedido por Julieta, 60 anos).*

*Naquele tempo... nós namorávamos com uma distância de uma légua, um acolá e outro aqui, não tinha beijo na boca, a gente pegava só na mão... e agora o negócio é diferente, é botando quente! [risos] Porque se eu botar eu boto é quente. Uma pessoa com 76 anos e sou desse jeito! Acho que porque eu via meu pai não querer que a gente nem se encostasse em ninguém, tanto que eu casei “desse jeito”. Quando eu casei com o primeiro eu tinha 17 anos e ele tinha 18 e nós nem nos encostávamos, vimos nos encostar depois que nós casamos (Depoimento concedido por Maria Bonita, 76 anos).*

Tais mudanças, todavia, se fazem perceber também pelos homens:

*Agora a mulher quer ter uma “autoridadezinha” também... Não é? Porque ela trabalha para manter a casa também (...) Antigamente não, antigamente a mulher só era para “fazer” menino e hoje não, hoje tem delas que ganha muito mais do que o homem. Então ela tem o direito de mandar também... ela vai ficar bem por baixo?! (Depoimento concedido por Lampião, 60 anos).*

Assim, a conquista da liberdade por parte da mulher passa pela via da condição econômica: ao conquistar o direito ao trabalho, a mulher ganhou também o direito de possuir uma “autoridadezinha”, como define o próprio entrevistado, que acrescenta:

*Hoje em dia não existe diferença entre homens e mulheres, porque os dois têm direitos iguais. Não é igual ainda, mas querem igualar. E eu acho que o certo é esse. Não existe ninguém superior a ninguém. Pelo contrário, tem muita mulher que vale mais que um homem: na vida civil, profissional... Então eu não sou contra. Deveria realmente ser igual. Antigamente tinha aquele preconceito, mas hoje não! (Depoimento concedido por Lampião, 60 anos).*

Os estudos relacionados a gênero, entretanto, apontam que somente a inserção no mercado de trabalho não é capaz de garantir a igualdade de direitos à mulher em relação ao homem. Nesse âmbito, estão envolvidos elementos não somente materiais, mas também simbólicos e profundamente subjetivos.

É preciso, portanto, formular outra maneira de sociabilidade humana baseada na equidade sexual, para que mulheres e homens sejam tratados como cidadãos.

## **Considerações finais**

O conceito de “mulher” e “homem” atribuído por eles esteve nitidamente relacionado à divisão sexual de papéis presente na Instituição: as mulheres, por desenvolverem atividades tipicamente femininas, como lavar roupa, louça, dentre outras, foram identificadas por meio de sua função reprodutora; já os homens, por realizarem tarefas mais ligadas ao mundo público, como resolver problemas fora da Instituição, fazer compras etc, foram identificados através de sua função produtiva.

Existem diferenças entre os motivos estabelecidos pelas mulheres e pelos homens na escolha de um parceiro? Em relação a esta questão, a pesquisa revelou que, embora a troca de favores perpassasse as relações afetivas estabelecidas entre eles, os motivos pelos quais relataram o fato de estarem mantendo um relacionamento na Instituição, vão muito além das trocas de favores que podem advir a partir dessa relação para ambas as partes.

Acrescenta-se que, a velhice proporciona à mulher idosa rupturas e continuidades de sua condição desigual em relação ao homem idoso: na medida em que a velhice é uma fase de vivência de possibilidades antes negadas, há rupturas; no sentido em que há, porém, retorno à execução de tarefas demarcadamente femininas, há continuidades.

Expressa-se, assim, a necessidade de se constituir outra forma de sociabilidade humana, pautada na equidade entre mulheres e homens em qualquer faixa etária, e, acima de tudo, pelo respeito aos direitos humanos, incluindo o direito ao desenvolvimento da sexualidade pela pessoa idosa, entendendo este como extensão do direito à vida.

É preciso, portanto, desconstruir a imagem dos idosos como seres assexuados e destituídos de prazer. Eles têm desejos, sim! Aos quais se devem dispensar atenção e respeito, inclusive no ambiente institucional.

Ser velho não significa ser improdutivo. Como demonstra a pesquisa, a velhice pode se constituir numa fase de descoberta de novas realizações. Dizer que a velhice está intimamente e exclusivamente relacionada à doença e à morte, é tomar posse de uma consideração completamente equivocada e preconceituosa.

**ABSTRACT:** This paper seeks to analyze how gender relations intertwine with the relationship established between residents of Lar Torres de Melo, an institution intended for long permanence of old people in Fortaleza. It is divided in three sections and tries to realize how the concepts of "woman" and "man" interfere with the relations between residents; how roles are defined among them and, finally, if there is a difference between the reasons established for women and for men in their choice of a partner.

**Key-words:**  
Old age; gender;  
institution.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, A. de O. *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2004. (Coleção Velhice e Sociedade).
- BACELAR, R. *Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação*. 2. ed. rev. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002. 151p.
- BEAUVOIR, S. de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRASIL. Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003. Estatuto Nacional do Idoso. Brasília, DF, 2003.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- FRAIMAN, A. P. O que é Gerontologia Social. In: *Coisas da Idade*. São Paulo: Editora Hermes, 1991.

FROTA, M. H. de P. Interpretando a categoria de gênero de Joan Scott. In: FROTA, M. H. de P.; OSTERNE, M. do S. F. (Orgs.). *Família, gênero e geração: temas transversais*. Fortaleza: EDUECE, 2004. 242p.

IBGE. *População residente de 60 anos ou mais de idade*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 23 maio 2004.

JABLONSKI, B. *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

LEITE, I. L. *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina: Eduel, 2004.

MATTOS, F. M. B. de. Mulher e Velhice: reflexões para o próximo século. IN: STREY, M. N. et al. (Orgs.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.

MOTTA, A. B. da. Chegando pra idade. In: BARROS, M. L. de. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV, 1998.

OSTERNE, M. do S. F. *Família, pobreza e gênero: o lugar da dominação masculina*. Fortaleza: EDUECE, 2001. 226p.

PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. (Família, gênero e cultura).

PULEO, A. H. Filosofia, gênero y pensamiento crítico. In: *Colección "Acesso al Saber"*. Serie Filosofia. Universidad de Valladolid, 1999.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, jul/dez. 1990. p. 5-22.

SOUSA, I. R. de; LINS, D. *Sila, uma cangaceira no divã*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. 180p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.